



## AS MULHERES XETÁ NO TRABALHO DE CARMEN LÚCIA DA SILVA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3822

Beatriz Rosa do Carmo Silva, UEM  
Lucio Tadeu Mota, UEM

### Resumo

O trabalho de resgate da memória Xetá onde Carmen Lucia da Silva organiza e expõe a memória deste grupo étnico é contada em grande parte por seus representantes masculinos. É notável que no trabalho de Silva a maior parte dos relatos orais documentados são oriundos dos homens, por motivos que as próprias representantes Xetá femininas explicam. Segundo elas, a dificuldade em obter informações refere-se ao fato de que, pelas tradições, as histórias dos Xetá para serem contadas necessitam de dois indivíduos ou mais do mesmo sexo. A falta de contato com sua cultura e língua devido ao afastamento que tiveram de seu grupo étnico as levaram a esquecer sua língua nativa, e consequentemente as histórias que falavam das mulheres no meio Xetá. Apesar de suas dificuldades, os trabalhos de Carmen Lucia da Silva, especialmente em história oral, nos possibilitam ter um parâmetro do papel das mulheres na cultura Xetá, e das vivências que estas tiveram sobretudo no período de 1940 a 1960, onde seus territórios foram drasticamente reduzidos e sua cultura cada vez mais degradada. Desta forma, neste trabalho buscaremos elaborar uma síntese da história das mulheres Xetá, a partir leitura e análise dos trabalhos elaborados por Carmen Lúcia da Silva, com a intenção evidenciar sua participação na busca pela manutenção da história de seu grupo étnico, seu papel dentro deste grupo, e suas experiências no contexto da espoliação de seus territórios.

### Palavras Chave:

História Indígena; Etnohistória Xetá; Mulheres Xetá.

## Introdução/Justificativa

Entre as décadas de 50 e 60 o grupo étnico Xetá passou por um intenso processo de espoliação de seu território tradicional e, conseqüentemente, uma quase total desintegração cultural. Este processo foi resultado da política desenvolvimentista do estado do Paraná, que no período de colonização moderna, incentivou a ação das colonizadoras e se manteve omissivo em relação às barbáries que estavam sendo praticadas contra os indígenas.

Apesar de o povo Xetá ter sido considerado extinto pela Fundação Nacional do Índio-FUNAI até a década de 1990, trabalhos na área de antropologia e etnohistória, como os de Carmen Lucia da Silva, tornaram possível refutar esta ideia e construir uma narrativa em torno da etnohistória Xetá.

Silva buscou registrar a história dos Xetá a partir dos relatos dos oito sobreviventes, trabalhando principalmente com Tuca, Kuein e Tikuein, que são os que mais conservaram a memória de seu povo. Contudo, Silva pode também contar com os depoimentos de ã, a única das três sobreviventes Xetá que ainda possui memória de sua vida no mato.

Mesmo que a memória de ã não consiga voltar tanto no tempo nem apresentar tantos detalhes como de seus companheiros narradores, ela pode contribuir com um aspecto pouco abordado no trabalho de Silva, o papel da mulher Xetá em sua sociedade, assim

como as outras narradoras contribuíram com suas memórias a partir do contato direto que os Xetá mantiveram com os brancos.

## Objetivos

Neste trabalho teremos a intenção de elaborando uma síntese da história dessas mulheres, a partir leitura e análise dos trabalhos elaborados por Silva. Isto posto, temos a intenção evidenciar sua participação na busca pela manutenção da história de seu grupo étnico, seu papel dentro deste grupo, e suas experiências no contexto da espoliação de seus territórios. Tais aspectos podem ser identificados nos relatos não somente dessas mulheres, mas também os outros remanescentes Xetá masculinos, que são depositários da memória Xetá.

E para a análise de processos histórico envolvendo populações indígenas recomenda-se os princípios definidos pela etno-história a partir de sua matriz norte-americana, que vem discutindo as questões relativas à história dos povos ameríndios desde a Conferência de História Indígena de Columbus em Ohio – EUA em 1953.<sup>1</sup> Nessa conferência, afirmou-se a importância da incorporação e do uso combinado dos dados advindos de outras disciplinas como: linguísticas, ambientais, de cultura material e etnográficas, e evidenciou a necessidade de considerar, na análise, as tradições orais e os etno-conhecimentos da sociedade estudada.

---

<sup>1</sup> O debate iniciado na Conferência de Columbus continuou repercutindo no meio acadêmico americano e teve vazão nas publicações da **Revista Ethnohistory**. A preocupação pela definição do que seria a etno-história foi tema da oitava reunião anual da *American Indian Ethnohistory Conference* realizada em novembro de 1960 na Universidade de Indiana. Os trabalhos ali apresentados foram publicados na revista **Ethnohistory**, v. 8, n. 1 em 1961, e os

comentários relativos aos *papers* apresentados foram publicados nesse mesmo ano na **Ethnohistory**, v. 8, n. 2. O tema foi abordado sob várias perspectivas por pesquisadores de diversas áreas, desde o folclore, (DORSON, 1961) passando pela história, (WASHBURN, 1961) pela antropologia (VOEGELIN, 1954; VALENTINE, 1961; LEACOCK, 1961; EWERS, 1961; LURIE, 1961) e arqueologia, (BAERREIS, 1961). Para uma síntese dessa discussão, ver: [MOTA](#), 2014.

## Resultados

O trabalho de memória realizado por Carmen Lucia da Silva, nos mostra diversos aspectos da história Xetá. Seu trabalho esteve voltado para o relato dos sobreviventes que ainda possuíam memória da sua cultura, língua nativa e história, com a qual se pode construir seus excelentíssimos trabalhos de dissertação e tese.

De acordo com a cultura do povo Xetá, suas histórias somente poderiam ser contadas com três membros ou mais do mesmo sexo. Coincidentemente, os maiores depositários da história Xetá são três homens. Entretanto, não foi com apenas estes três com quem Silva trabalhou.

Ã, a única das sobreviventes que ainda consegue compreender o idioma Xetá, também é a única que ainda possui memórias do seu passado no mato tornou-se um dos quatro personagens principais do trabalho de Silva. Seu esforço por relatar suas memórias foi o que possibilitou a Silva explorar um pouco mais a fundo o universo feminino Xetá, já que as outras representantes que aqui mencionei, foram retiradas da convivência de seu povo muito cedo, e impedidas de manter contato com estes, levando a um quase total esquecimento de suas vidas em seu meio tradicional.

Ainda assim, os relatos dessas mulheres são de grande importância, pois marcam um período fundamental da história Xetá, aquele em que seu povo, já sem território, passa a viver junto aos brancos, e onde passam a perder quase que definitivamente o contato com seu povo. Em seu trabalho, Silva faz uma biografia dos oito sobreviventes Xetá, dos quais, me esforcei em apresentar um pouco das histórias de Ã, Tiguá (Eirakã), Maria Rosa Tiguá e Maria Thiara Marques.

### Maria Rosa Ã

Ã, registrada pelos brancos como

Maria Rosa Padilha e/ou Maria Rosa Ã Xetá (nome do mato Moko (tamanduá)), que na época da pesquisa tinha 48 anos, foi considerada pela FUNAI a última mulher Xetá. Seu nome do mato é Moko (tamanduá).

Acreditava-se que Ã não se lembrava sobre nada do seu povo, no entanto, a partir do momento em que começou a ser indagada sobre sua história, e com a ajuda de seus companheiros, pode falar de si, de seu povo, daquilo que lhe dava tristeza, e até mesmo suas aspirações para o futuro. A história de vida de Ã, tem suas narrativas situadas entre os episódios do cotidiano da aldeia, os acontecimentos consequentes do contato com os brancos e o reflexo destes efeitos em sua vida após a saída da aldeia. Seu contato com outros membros adultos de seu grupo após sua saída da mata talvez tenha sido decisivo no resguardo da memória de seu passado.

As memórias de Ã do tempo que vivia na floresta revelam momentos pessoais, como os momentos de brincadeiras e seus parentes próximos, mas também nos mostram aspectos da sua cultura tradicional, como a forma como se preparava, distribuía e consumiam alguns alimentos típicos do consumo do grupo, das cantorias, das caminhadas com seus pais. Ã também se recorda das constantes fugas dos brancos e dos conflitos internos provocados pelo roubo das mulheres, consequência da diminuição do povo Xetá, que não tinham mais mulheres para se casar.

O pai de Ã foi morto por outro índio por motivos de vingança. Sua mãe morreu logo depois, muito provavelmente devido a ingestão de charque que os brancos lhe haviam deixado.

Foi após a morte de seus pais que Ã passou a ter contato próximo com os brancos. Lembra que naquele tempo, seu grupo fugia constantemente do contato com os brancos, e que foi assim, fugindo, num momento em que se distancia de seu grupo, foi abordada por um grupo de brancos, acompanhados de um índio

vestido, que seria seu parente. ã, então, levou os brancos até onde seu grupo estavam escondidos, onde os barrancos convenceram o grupo a irem para uma fazenda. A partir daí a família de ã, dividia sua convivência entre a fazenda e o mato.

No entanto a vida de ã iria mudar drasticamente a partir de novembro de 1955, quando reencontrou seu irmão Kaiua, que participava de uma expedição organizada pelo SPI. Desejando permanecer na companhia de seu irmão, ã retorna com ele até Curitiba, onde passou a morar em uma pensão. A partir deste momento, ã não retornaria mais a sua vida no mato, nem veria mais seus familiares.

A todo momento em seu relato da saída da mata fica expresso o medo e o estranhamento de deixar seu meio tradicional. E em sua nova casa, o estranhamento não seria diferente. ã fala do momento e que lhe é tirado seus adornos

(...) no pescoço eu tinha colar de continhas (sementes) com dentinhos de quati bem pequenininhos. Dival cortou, tirou tudo. Eu não queria que ele tirasse, mas ele me agarrou pra tirar, e tirou tudo. Até o meu brinco, e o amarrilho da minha perna foi tirado. Eles me deixaram nua, embora estivesse de vestido. (SILVA, 1998, p. 68)

A retirada de seus adornos significou para ela uma ruptura com seu referencial cultural Xetá.

Com dificuldade em se acostumar com sua nova realidade, ã tenta fugir, mas foi pega antes que fosse longe. No entanto, sua fuga a levou para o PIN Apucarantina, onde sem saber, reencontrou seu irmão Kaiua, e passou a ser criada por um padrinho, o Sr. Cardec Martins Pedrosa e sua esposa, para quem prestava serviços doméstico e de baba.

Contudo, aos onze anos sua vida toma rumos mais difíceis. ã tem dois

casamentos mal sucedidos, sendo que o primeiro foi contra sua vontade. Destes casamentos ã não tem boas lembranças, se recorda de ter que acompanhar seus maridos a muitos lugares, teve nove filhos dos quais apenas três sobreviveram.

Em seu terceiro casamento com Carlos Ramirez Braz, seu atual marido, ã passa por uma nova situação de trauma. Em um dia de bebedeira, tentaram roubá-la de seu marido., o que despertou seu desejo de sair de sua residência no PIN Mangueirinha e retornara a PIN Guarapuava, onde mora atualmente com seu esposo e dois de seus três filhos.

ã diz que a vida depois de sair da Serra dos Dourados foi muito dura, que nunca se encaixou em nenhum lugar, e mesmo que as pessoas tenham tentado ajudar, na verdade só atrapalharam, pois afastaram cada vez mais de seu lar no mato. Além de ter que lidar com a perda de seus territórios, teve de encarar a perda de seis filhos, e sofrer com casamentos que só lhe fizeram mal.

### **Tiguá (Eirakã)**

Seu relato exerce uma função muito importante no trabalho de Silva à medida em que nos conta sobre as consequências que a separação com seu povo teve em sua vida, como a perda de contato com estes membros, e o esquecimento das lembranças de seu povo. Será possível observar, que diferente de ã, o relato de Tiguá se situa a partir do contato dos Xetá com a Fazenda Santa Rosa.

Um das sobreviventes do extermínio Xetá é Maria Tiguá, batizada de Ana Maria pela família que a criou, e tinha aproximadamente 44 anos quando participou do trabalho de Silva em 1998. De sua infância Tiguá lembra muito pouco, sobretudo sobre sua vida no mato. Do que se lembra conta que sua família vivia em uma aldeia próxima a fazenda Santa Rosa, onde seu pai trabalhava em troca de comida. Lembra que enquanto

seu pai trabalhava na roça ela brincava com as outras crianças da fazenda, mas que sempre voltavam para sua casa no mato.

No entanto, no ano de 1963, quando tinha aproximadamente 5 anos, Tiguá foi pega pelo administrador da fazenda Antônio L. de Freitas, que a deu para sua filha a “criar”. Desta ocasião Tiguá tem lembranças muito tristes. Diz que não queria estar ali e que seu pai também a queria de volta, no entanto, após ter sido pega por Freitas, ela nunca mais reencontrou seu pai ou sua família. Segundo ela, foi muito difícil se acostumar com sua nova vida em meio aos brancos, que chorou muito e até pensou em fugir. Tiguá aponta que foi por este sofrimento que acabou se esquecendo de sua língua e vida no mato, pois assim sofreria menos.

Criada por Nilda Lustosa de Freias e por seu marido, Carlos Florêncio de Barros, que na época da “adoção” moravam em Douradinha, Tiguá cresceu trabalhando nos serviços domésticos da casa e cuidando dos filhos do casal. Como trabalhava muito e tinha dificuldades na escola, nunca aprendeu a ler ou escrever. Aprendeu a falar português com a convivência que tinha com os filhos do casal.

Aos 19 anos, Tiguá fugiu de casa para viver com seu atual marido Luiz Carlos Ferreira com quem teve um filho, que a época do trabalho de Silva, tinha 19 anos. As últimas informações que temos de Tiguá é que ela vive atualmente em São Bernardo do Campo, São Paulo com seu marido e filhos. Por meio do trabalho de Silva, Tiguá pode reencontrar parte de sua família com que continua tendo contato.

### **Maria Rosa Tiguá Brasil**

Tiguá não se lembra da sua vida no mato, nem de seus pais ou irmão ou de sua língua, muito embora lembre-se que só conversava na língua dos Xetá com sua família. As lembranças que tem de sua infância são da sua convivência na fazenda

Santa Rosa e da adaptação a sua nova vida. Entretanto não se recorda de sua chegada a Fazenda, e muitas de suas lembranças dessa época são das histórias que Antônio L. Lustosa contava-lhe. No caso de Maria Rosa, as lembranças se situam mais distantes do tempo do mato, pois seque tem recordações da vida no mato, e muitas de suas lembranças de infância foram contadas por Lustosa.

Maria Tiguá conta que quando chegou a fazenda Santa Rosa pensou que nunca iria se acostumar com os novos costumes e especialmente com a comida, chagando a adoecer várias vezes devido sua nova alimentação. Tiguá cresceu ajudando nos serviços da casa, aprendeu a fazer todos os serviços domésticos e ainda cuidava do filho mais novo da família Freitas. Viveu na fazenda até por volta de 1965 quando se mudou com a família Lustosa para Douradina onde trabalhou no hotel restaurante da família até o ano de 1982, ocasião em que fugiu com um rapaz. Com este rapaz com quem fugiu Maria Tiguá viveu cinco meses, até ter sido abandonada quando ficou grávida, tendo que retornar a casa da família Lustosa.

Quando sua filha tinha aproximadamente 9 meses, Maria Tiguá foi para o Mato Grosso do Sul, onde morou por quatro anos trabalhando na casa de um parente da família Lustosa. Lá Maria Tiguá engravidou novamente do filho de seu patrão. Tiguá não tinha condição de criar duas filhas, então decidiu dar a filha mais nova a um casal de fazendeiros sem filhos. No início, Maria Tiguá ainda conseguia visitar sua filha mais nova, mas com o passar do tempo, a família que a adotou cortou todo tipo de relação que está ainda mantinha com sua filha.

Maria Tiguá se vê obrigada a retornar para douradinha onde continuou a trabalhar no pequeno hotel da família Lustosa junto com sua filha mais velha, onde residiu até 1994, ocasião em que a propriedade foi vendida. Em 1997, Maria Tiguá mudou-se para Umuarama onde

trabalhou por algum tempo como empregada doméstica do filho mais jovem da família Lustosa de Freitas, no entanto demitiu-se e foi trabalhar na casa de outra família.

Maria Tiguá não estudou, sempre trabalhou como doméstica, porém nunca contribuiu com a Previdência Social. Por esse motivo, apesar de sua saúde frágil, continua a trabalhar. A época da pesquisa realizada por Silva (1998), Maria Tiguá vivia em douradinha numa casa alugada com sua filha. Diferente do caso de Maria Thiara Marques, Maria Tiguá conseguiu reencontrar alguns de seus familiares com quem ainda mantém contato.

### **Maria Thiara Marques**

Maria Thiara Marques foi roubada de sua família quando tinha aproximadamente 5 anos por um casal de brancos que a levou para morar em sua residência num sítio próximo a Campo Mourão. Ainda menina, Maria Thiara foi estuprada por um dos filhos do casal que a roubou. Para se livrarem de Maria, deram-na para uma senhora que era dona de uma casa de prostituição. As próximas informações que se tem de Maria Thiara são de quando ela foi parar na penitenciária feminina, na região metropolitana de Curitiba em 04/09/1979. Maria teria de cumprir pena de dezesseis anos e três meses de reclusão pelo crime de homicídio.

De acordo com Silva, Maria Thiara desconhece sua idade, nome dos pais e se tinha irmãos, não tinha nome nem documentos, e de acordo com relatos não queria mais ser identificada como índia por ter sofrido muito com o preconceito principalmente por parte da FUNAI/CURITIBA. Maria Thiara tinha uma filha que viu pela última vez em 1979, pois esta foi dada para uma família de Maringá que não permitiu que a visitasse. Os últimos dados que dispomos de Maria Thiara Marques se referem a um relatório e um recorte de jornal que datam de 1983, onde é solicitado que Maria Thiara

termine de cumprir sua pena por homicídio em terra indígena.

Silva lembra que o descaso pode ser visto até mesmo por meio do processo criminal da Maria. Claudia Priori, em sua dissertação trabalhou com a questão das mulheres que cometem crimes, e para isso, visitou os arquivos da Penitenciária Feminina do Paraná, onde também recorda a desorganização dos arquivos e a falta de informações nos processos, evidenciado em sua fala “Cada pasta é um prontuário criminal, embora muitos deles incompletos” (PRIORI, 2012, p. 21).

A memória em torno do universo feminino Xetá pode ser dividida em duas partes, sendo a primeira, àquelas lembranças de Xetá sobre o papel das mulheres dentro do seu grupo, voltados a atividades doméstica e participação nos rituais, e conseqüentemente mais limitadas devido à dificuldade da narradora em rememorar estes momentos. E depois, as memórias que se constituíram já a partir do contato delas com os brancos, marcado pelo roubo das mulheres, e as memórias a partir do momento em que estas são retiradas de seu grupo familiar para serem cridas junto as famílias brancas.

Embora a memória destas mulheres se situe em tempos diferentes, todas contribuem para a construção de uma narrativa da história da mulher Xetá, ainda que superficialmente. As histórias destas cinco mulheres guardam muitas semelhanças, e se cruzam em questões como a violência sofrida pelos colonizadores, o fato de terem sido tiradas/roubadas de suas famílias, a dificuldade na adaptação com a vida dos brancos e o futuro incerto a que lhes foi fadado após as afastarem de seu território e grupo familiar tradicionais.

Outros pontos mais diretos da participação da mulher dentro da cultura Xetá também são lembrados, como a participação das mulheres nos rituais de iniciação, a iniciação feminina, o papel das mulheres na coleta dos alimentos e sua preparação, entre outros. Todavia, estes

não puderam ser abordados com mais profundidade devido a limitação da memória das narradoras. A maior parte desses relatos partiram de ã ou dos outros narradores masculinos, onde essas mulheres são vistas apenas como coadjuvantes.

Das lembranças da vida no mato, as que mais marcaram ã, foi sua participação nos rituais de iniciação masculina, onde lembra que quando criança, participou de uma cerimônia de perfuração labial, onde executava a atividade comum a estas mulheres neste tipo de cerimônia. O papel das mulheres neste tipo de ritual seria o de servir e embebedar os homens, cuidar do fogo para que não apagassem e de seus maridos para não se queimassem. Também cabia as mulheres o trabalho de pintar o rosto dos meninos que seria iniciado, no entanto, a beberagem era permitida somente aos homens e mulheres mais velhas.

Outro ponto lembrado por ã em suas falas seria a participação das mulheres na coleta da comida. De acordo com sua memória a caça cabia somente aos homens, enquanto a mulher cabia o prepara do caça, e o auxílio nas atividades de coleta de frutos, tubérculos, mel, larvas de troncos das palmeiras, alguns tipos de inseto e a erva mate, a qual estas também deveriam preparar para o consumo do grupo.

No tocante as memórias pós contato com os brancos, os relatos das narradoras se encontram em diversos sentidos. Silva salienta em seu trabalho a questão da violência sofrida pelas mulheres Xetá pelos agrimensores.

Segundo o relato dos narradores, com a intensificação do trabalho das empresas colonizadoras as mulheres e as crianças se tornaram as maiores vítimas dos agrimensores. Estes passaram a desaparecer quando adentravam na mata, tal como explicita o relato de Tikuein ao falar do desaparecimento de sua irmã e de uma das mulheres de seu pai

“Acho que algum bicho as comeu, pode ser onça (...) ou elas morreram no mato sozinhas, doentes, ou se juntaram a outros da nossa gente; ou foram roubadas por brancos, o mais provável. Era comum acontecer isso lá. Os brancos viviam roubando nossas crianças e pegando as mulheres.” (SILVA, 1998, p. 77)

Se as mulheres desapareciam misteriosamente na mata, muitas crianças eram roubadas pelos moradores locais. Um dos aspectos que se observa nas narrativas é como a visão etnocêntrica do homem branco em detrimento da cultura dos povos nativos contribuiu para o roubo das crianças Xetá. Com exceção de ã, nossas narradoras passaram por este processo de afastamento de seu meio familiar.

Enquanto Maria Thiara foi roubada, as outras foram tiradas de suas famílias, termo que os narradores usam para designar o roubo das crianças por pessoas próximas de seu convívio, como os donos das fazendas onde buscavam trabalho e comida.

Ainda que as circunstâncias da separação tenham sido diferentes para as quatro narradoras, os desdobramentos que suas histórias tiveram foram muito parecidos em vários aspectos.

Um destes seria um profundo silêncio que expressaram assim que passaram a conviver com estas famílias brancas, silêncio este que chegou a durar aproximadamente um ano, como destaca a fala de Maria Rosa Tiguá

“Deixei de falar. Demorei a comunicar-me com as pessoas através da fala. Dona Carolina diz que eu passei um ano sem conversar com ninguém, era como se eu fosse muda. [...] Todos pensaram que eu era muda. Acho que tive essa atitude por que fiquei muito sentida de ter saído de junto dos meus parentes, do meu meio, só pode ser isso.” (SILVA, 1998, p. 89)

Em suas novas casas, tiveram que lidar com a destituição dos adornos que caracterizavam seu grupo, além de se acostumar com a comida, que foi uma das maiores causas de morte entre o povo Xetá.

Afastadas de seu meio tradicional e familiar, estas foram criadas junto a estas famílias, executando trabalho doméstico, até que algo as forçasse a sair de casa. No caso de ã, um boato levou-a a um casamento forçado, seguido por outro casamento infeliz, onde não bastasse, ainda teve de lidar com o sofrimento com a morte de seis filhos. Maria Rosa, fugiu com um homem que acabou abandonando-a apesar de sua gravidez. Seus caminhos continuaram tortuosos, ao engravidar novamente, do filho de seu patrão, tendo que dar a filha mais nova para a adoção por não conseguir sustentá-la. Tiguá fugiu para morar com seu atual marido. O levou a Maria Thiara a ser expulsa da casa daqueles que a roubaram foi o fato de ter sido estuprada por um dos filhos do casal, que a deram a uma casa de prostituição.

A trajetória dessas mulheres que durante a infância se assemelharam em muitos aspectos divergiu muito durante sua vida após a saída da casa daqueles que lhes tiraram de suas famílias. Mas acabam por convergir em um final novamente similar. ã, Maria Rosa e Tiguá além da satisfação de reencontrar alguns de seus familiares e ter contato novamente com a história de seu povo, puderam constatar que não estavam só, que tinham outros de seu grupo, ainda que poucos. Não é o caso de Maria Thiara, de acordo com os relatos e as pesquisas levantadas por Silva, não teve mais contato com membros de seu grupo étnico, e da qual sequer dispomos informações atuais de seu paradeiro.

As que participaram dos trabalhos de Silva, ainda expressaram um desejo comum, o de ter um lugar próprio para morar, pois desde que foram tiradas de seu meio nunca mais foram capazes de se encaixar em lugar algum, na fala de ã

“Todos que quiseram nos ajudar nos atrapalharam, nos separaram, tiraram a gente do nosso lugar” (SILVA, 1998, p. 73)

### Considerações finais

Como Silva observa, não fosse os esforços de ã, a constituição de uma história voltada ao universo feminino do grupo Xetá seria quase improvável. Ainda que ã pudesse transmitir sua memória tal qual os outros narradores homens fizeram, ela conseguiu nos mostrar um pouco do que era a realidade feminina dentro do grupo étnico Xetá.

Isto posto, podemos observar que ainda mesmo como coadjuvantes, estas mulheres exerciam papéis ativos dentro da sociedade Xetá, contribuindo com a coleta de alimento, sendo responsáveis pela preparação destes, e estando envolvidas nos rituais, como o de perfuração labial. Com a destituição do território Xetá, as mulheres foram um dos maiores alvos de violência dos agrimensores, sendo vítimas de estupros, assassinatos e desaparecimentos que seus parentes não conseguiam explicar, apenas associar a presença dos brancos.

Ainda crianças, nossas narradoras foram transplantadas de seu grupo familiar, sendo forçadas a se destituir de seus adornos tradicionais, se acostumar com a comida, os novos hábitos e uma nova língua. Isto resultou inicialmente em uma rejeição daquele ambiente, e posteriormente, o esquecimento de sua língua tradicional e das memórias da sua vida no mato.

Passado este primeiro momento de adaptação, cada narradora aponta uma causa para o abandono das casas destes que as *roubaram*, levando a trajetórias de vida particulares, mas que novamente se entrelaçam, a medida em que todas elas se identificam com o sentimento de não pertencimento a nenhum lugar, trajetórias de vida povoadas por tragédias e a angústia de se considerarem as últimas de



seu grupo.

Por meio dos trabalhos de Silva foi possível reunir estas mulheres, e juntas, constituir um esforço, para reconstruir um pouco de suas histórias, na tentativa de as colocarem como atuantes, e não apenas coadjuvantes de uma narrativa sobre seu próprio povo.

## **Referências**

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. *História* (São Paulo), São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-

371, jan./jun., 2011.

MOTA, Lucio Tadeu. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. **Patrimônio e Memória**, v. 10, n. 2, p. 5-16, 2014.

PRIORI, Claudia. *Mulheres fora da lei e da norma: controle e cotidiano na penitenciária feminina do Paraná (1970-1995)*. Curitiba, 2012.

SILVA, Carmen Lucia da. *Sobreviventes do extermínio uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá*. Santa Catarina, 1998.

SILVA, Carmen Lucia da. *Em busca da sociedade perdida: o trabalho da memória dos Xetá*. Brasília, 2003.